

MULHERES ASSENTADAS E OS CONHECIMENTOS ANCESTRAIS RELATIVOS A TERRA. – Teresa Cristina Silveira, Mirian Cláudia Lourenção Simonetti, Sérgio Augusto Domingues – Humanas - Ciências Sociais – Departamento de Ciências Políticas e Econômicas – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

O presente trabalho pretende compreender a realidade das mulheres assentadas, estabelecendo um diálogo entre os conceitos de etno-conhecimento, memória e subjetividade numa perspectiva etnográfica junto a Comunidade Padre Josimo Tavares dos Santos. Tal comunidade se localiza no Assentamento Fazenda Reunidas, no município de Promissão a oeste do Estado de São Paulo. Esse assentamento cumpre registrar, foi o primeiro a ser realizado no estado sob a proteção do 1º Plano Nacional de Reforma Agrária, em 1997, e possui 634 famílias assentadas, subdividindo-se em 10 agrovilas (conjunto de famílias) dentro do assentamento (Simonetti, 1999:02). As mulheres deste assentamento possuem afinidades relativas ao processo de luta pela terra, desde a migração de suas cidades de origem, até a passagem da condição de acampadas a condição de assentadas; período marcado pela violência e destruição, mas também pela resistência e luta. Essas mulheres, através de suas escolhas, dos sucessos e das dificuldades, assumem não apenas a postura de mulheres guerreiras pela sobrevivência; mas assumem também posturas de líderes, pois estão profundamente ligadas às luta pela terra, aos conhecimentos ancestrais relativos ao seu uso e das plantas medicinais.

A trajetória dessa pesquisa está ligada ao projeto “Os Sentidos da Luta pela Terra para a família nos Assentamentos de Reforma Agrária”, iniciada em 2003 e realizada por uma equipe multidisciplinar organizada pelo Centro de Pesquisas e Estudos Agrários (CPEA), das quais fui uma das integrantes, juntamente com outros pesquisadores da UNESP/Marília. Foi através dessa pesquisa, das observações participativas e dos relatos orais com essas mulheres no campo, que passamos a dedicar reflexões ao estudo da realidade dos camponeses no Brasil, assim como ao etno-conhecimento presente em suas relações e organizações sociais.

A medicina rústica ou popular é um dos grandes agentes de solidariedade entre os membros dos assentamentos rurais, seu principal papel até certo ponto é manter a uniformidade dos padrões de comportamento do grupo. Tais padrões se refletem na ação e tem como função orientar a conduta dos indivíduos. A prática do uso de plantas tidas e usadas como medicinais vem sendo repassado de geração para geração entre os membros da comunidade; estando longe, portanto, de representar um fragmento da memória popular em vias de desaparecimento (Araújo, 2002:14). Estas práticas cotidianas estão ligadas a uma maneira muito viva e enraizada de compreender a vida, a morte, as funções maternas, a cura, o lugar do neonato e suas relações com a sobrenatureza, as diferentes visões de mundo. É através da memória que podemos localizar algumas categorias culturais centrais do universo camponês brasileiro que são, também, centrais para a reconstrução da ética mais geral que elas representam: trabalho, família, liberdade, a alimentação, etc (Woortmann, 1990:22). A memória é o que mais de individual o sujeito possui, pois ela é que determina uma subjetividade, pois permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. (Bergson, 2001:47).

Para compreendermos os valores morais e estéticos de uma dada cultura, partiremos da idéia de cultura como o universo de representações de um grupo, categoria ou sociedade. Estes diferentes núcleos de representações estão em comunicação uns com os outros, como que formando redes de significados. Tais valores denotam um padrão de significados transmitidos historicamente e incorporados em símbolos. É através de um sistema de concepções herdadas e expressas em formas simbólicas que essas mulheres se comunicam e assim perpetuam e desenvolvem seus conhecimentos e suas atividades em relação à vida.

Essa idéia de universo de representações resume-se com a noção de *ethos* de Clifford Geertz, segundo ele:

[...] “o *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e suas disposições; é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete[...]” (Geertz, 1989:93).

Portanto, buscamos através de entrevistas, da observação participativa e da recuperação da memória dessas mulheres assentadas, identificar a sua visão de mundo que é um quadro elaborado a partir das

coisas como elas são na simples realidade, seus conceitos de natureza, de si mesmo, da sociedade. Nas culturas camponesas, não se pensa a terra, ou seja, seus conhecimentos ao uso desta, sem pensarem a família e o trabalho, assim como, não se pensa na família sem se pensar na saúde e no trabalho. Acreditamos, que a compreensão de tais símbolos se dará através da compreensão da noção de ethos. Tal noção de ethos nas posições das mulheres no assentamento, nas formas de uso de seu tempo, de suas práticas de seus conhecimentos ancestrais (etno-conhecimento) relativo à medicina rústica e fazendo descrições dos espaços por onde circulam. Essas categorias se vinculam a valores e a princípios centrais de sua organização.

Referência Bibliográfica:

ARAÚJO, M. A. A. “*Das Ervas Medicinais à Fitoterapia*”. São Paulo: Editora Ateliê, 2002.

ARAÚJO, M. “*A. Medicina Rústica*”. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

BERGSON, 1959 apud BOSI, E. “*Memória e sociedade: lembrança de velhos*”. 9ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GEERTZ, C. “*A Interpretação das Culturas*”. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1989.

LINS, D. Cultura e Subjetividade – Saberes Nômades. In: ROLNIK, S. “*Uma insólita viagem à Subjetividade – Fronteiras com a Ética e a Cultura*”. São Paulo: Editora Papirus, 1997.

SILVA, B. C. “*Homens e Mulheres em Movimento – Relações de Gênero e Subjetividade no MST*”. Florianópolis: Momento Atual, 2004.

SIMONETTI, L. C. M. “*A Longa Caminhada – A (re)construção do território camponês em Promissão*”. Tese de doutorado. FFLCH/USP. São Paulo. 1999.

WOORTMANN, K. Anuário Antropológico 87. In: “*Com parente não se negocia*”. Brasília: Editora UNB, 1990.